

Volume V

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS INFANTOJUVENIS



Ademir Pascale
organizador

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-66923-7
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

TRÊS, POR ANA CAROLINA MARQUES, PÁG. 05
BONECA DE PANO, POR ANA CECÍLIA PORTO, PÁG. 07
O VOO DA GAIVOTA, POR CAROLINA MIRANDA DO ESPÍRITO SANTO, PÁG. 09
SUSTO, POR CAROLINA MIRANDA DO ESPÍRITO SANTO, PÁG. 11
O GATO QUE MUDAVA DE COR, POR IRACI J. MARIN, PÁG. 13
DESPERTAR, POR KARINA QUEIROZ, PÁG. 16
À PROCURA DA FELICIDADE, POR LIAH PEGO PÁG. 18
AS SETE FILHAS, POR MARIA ALICE HEBLING, PÁG. 23
VIVA OS ANIMAIS!, POR MEIRE MARION, PÁG. 26
QUANDO CRESCER..., POR MEIRE MARION, PÁG. 28
NÓS, CRIANÇAS..., POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA, PÁG. 30
E AÍ?, POR MÔNICA PALACIOS, PÁG. 32
NOS QUINTAIS, QUANTAS HISTÓRIAS LEGAIS..., POR ODY DMITRI CHURKIN, PÁG. 35
O SONHO QUE BRILHOU NO CORAÇÃO, POR PRISCILA MENDES, PÁG. 41
ÁRVORES MÁGICAS, POR RODRIGO CARLOS VIEIRA DE MORAES, PÁG. 45
O BANQUETE DA MAMÃE, POR SELMA LUANNY, PÁG. 47
MEU IRMÃO, MEU GIGANTE, POR SELMA LUANNY, PÁG. 49
A BRINCAR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 51
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 53



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

**CONTOS, MINICONTOS
E POEMAS
INFANTOJUVENIS
VOL. V**





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Três

Por Ana Carolina Marques

Graduada e mestra em Letras, Ana Carolina Marques é escritora e professora. Nasceu em 1990 em Cambuí, sul de Minas Gerais. Atualmente mora em São José dos Pinhais, Paraná.
Site: www.anacarolinamarques.art.br

O Flávio falou pra sala toda que tinha visto a Loira do Banheiro. Sempre querendo aparecer. Como sou muito madura, não acredito nessas coisas, mas todo mundo só falava do Flávio. Falei pra Flaviane que ele era um baita mentiroso. Fomos ao banheiro.

— Loira do banheiro, loira do banheiro, loira do banheiro — gritamos. Batemos a porta uma, duas, três vezes. Mais três apertões na descarga — Que merda! Que bosta! Que porcaria! — Nada da loira.

— Flávio, mentiroso. A loira do banheiro não aparece.

— Apareceu, sim. Que palavrões vocês usaram?

— Que merda! Que bosta! Que porcaria!

— Assim ela não vem mesmo — disse rindo.

Chegando em casa, pedi para minha irmã me ensinar palavrões. Ela está sempre com um livro, deve saber vários.

— Loira do banheiro, loira do banheiro, loira do banheiro — gritamos. Batemos a porta uma, duas, três vezes. Mais três apertões na descarga — Espurco! Futre! Histrião! — Nada da loira.

— Flávio, mentiroso. A loira do banheiro não aparece nada.

— Apareceu. Que palavrões vocês usaram?

— Espurco! Futre! Histrião!

— Isso nem é palavrão.

— Claro que é.

Chegando em casa, perguntei para minha irmã outros palavrões.

— Loira do banheiro, loira do banheiro, loira do banheiro — gritamos. Batemos a porta uma, duas, três vezes. Mais três apertões na descarga — Liliputiano! Nóxio! Dendroclasta! — Nada da loira.

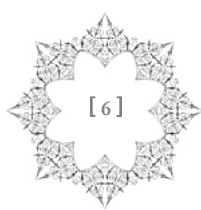
— Esses palavrões não tão funcionando — falei para minha irmã.

— Pra quê exatamente você quer esses palavrões?

— Para chamar a loira do banheiro.

— Deixa ela em paz, coitada. Imagina quantos alunos estão chamando e batendo porta e dando descarga e xingando.

— Verdade. Vou xingar o Flávio então: Espurco! Futre! Histrião! Liliputiano! Nóxio! Dendroclasta!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Boneca de pano

Por Ana Cecília Porto

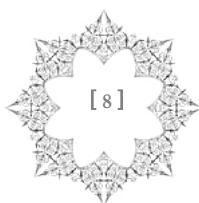
Professora, escritora e contadora de histórias. Formada em Pedagogia, fez especializações em: Psicopedagogia Institucional; Docência do Ensino Superior; Gestão escolar e Literatura Infantil e Juvenil. Publicou três livros infantis e dois livros para adultos. Participou de Antologias de poesias, contos e crônicas. Coordena o Projeto Leve & Leia – empréstimo de livros na drogaria da família
Contatos: Instagram @anaceciliaporto - Facebook @anaceciliaporto
e-mail: anaceciliaporto2020@gmail.com

Boneca de pano
está sempre a me olhar.
Quer ser minha amiga,
podemos brincar?

O céu está lindo
como aquarela.
Boneca de pano,
olhe pela janela.

Quer brincar de roda,
brincar de casinha?
Quer contar histórias,
fazer comidinha?

Boneca de pano
Estou tão contente!
Você em meu colo,
eu quero para sempre.





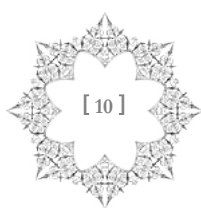
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O voo da gaiivota

Por Carolina Miranda do Espírito Santo

Carolina Miranda do Espírito Santo nascida em Natal RN e atualmente moro em Salvador. Formada em Enfermagem pela Ucsal e idealizadora do projeto cantinho da leitura. Tenho dois livros de poesia inspirados em pacientes e minhas avós: Vai como pode: poesia ou saudade e O Poetizar do cantinho da leitura.

Gaivota a sobrevoar o mar
Admirar cada raio de sol
Decide descansar após uma longa jornada
Vento a passar por suas asas
Mergulhar entre as nuvens
Rodopiar com coragem
Pousar tranquila nas águas
Respirar ar puro
Olhar a dança dos peixes
Observar os barcos navegar
Descansar um pouco
Voltar para a próxima aventura





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Susto

Por Carolina Miranda do Espírito Santo

Carolina Miranda do Espírito Santo nascida em Natal RN e atualmente moro em Salvador. Formada em Enfermagem pela Ucsal e idealizadora do projeto cantinho da leitura. Tenho dois livros de poesia inspirados em pacientes e minhas avós: Vai como pode: poesia ou saudade e O Poetizar do cantinho da leitura.

Lá vai Bia se aventurar
Devagar a caminhar pelo quintal
Raios de sol a brilhar teu casco
Para ficar forte come uma folha de alface
Corajosa vai subir os pequenos degraus da porta
Vê sua família pela porta de vidro
Deslizar pela esquadilha
Tuas patinhas a tentar abrir a porta
Faz todo o possível
Quando menos espera toma um susto
Cai de casco para baixo
Preocupação a tomar os minutos
É salva rapidinho
Tua eterna amiga a desvira com o bico
As duas a sorrir do inesperado
Dia a ser inesquecível
A jabuti Bia a agradecer o zelo
Sabe de quem?
Ela tem penas vermelhas
Olhinhos pequenos
Bico resistente
Faz um barulho para chamar a atenção
Ama açaí
És a arara Laura
Amizade perfeita da Jabuti Bia e a linda Arara Laura





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O gato que mudava de cor

Por Iraci J. Marin

Iraci José Marin reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e publica contos em diversas revistas. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil - onde foi publicado o conto "O gato que mudava de cor". E-mail: advmarin@gmail.com

Era uma vez um gato que mudava de cor.

Ele não tinha nome. Nenhum gato daquela parte do mundo tinha nome. Eles se conheciam pelo miado. Cada um dizia — *miau!* — de um jeito. Uns, com som parecido com o grito da coruja, outros com som mais grosseiro, outros ainda com sons bem fraquinhos.

Mas um deles, que morava com sua dona, era ainda mais diferente dos outros: ele mudava de cor. Nasceu com pelos de diversas cores. Com o tempo, ficou todo com uma só cor. Mas mudava de vez em quando — às vezes, ficava da cor da grama, outras vezes cor da terra, outras vezes da cor das estrelas.

O gato que mudava de cor andava por toda parte e brincava como qualquer outro gato.

Quando sentia o perigo, todos os gatos fugiam e se escondiam. O gato que mudava de cor também fugia e se escondia, como os outros. Mas, quando não conseguia fugir a tempo e se esconder, ou se estava sozinho e indefeso, mudava de cor...

Foi assim que aconteceu uma vez.

Ele estava bebendo água numa cumbuca de barro perto do jardim. Ouviu um barulho e logo percebeu o perigo vindo dos ares: era um gavião enorme que vinha na direção dele.

Então correu até o gramado e ficou verde, parecendo um monte de grama. O gavião revooou o jardim e retornou para as alturas, à procura de outra presa.

Foi assim também com um galo de penas amarelas e pescoço comprido. Ele viu o gato que ronronava sossegadamente ao sol. O galo veio correndo na direção dele, com as asas abertas, parecendo um animal feroz. Logo o gato se atirou na terra e ficou marrom, parecendo uma pedra escura.

Um dia, o gato provocou um susto na sua dona.

Ele apareceu na cozinha enquanto ela fazia o almoço. Ficou perto da porta, na espreita de alguma sobra de comida. Quando a sua dona ia sair para buscar temperos na horta, viu o seu gato como nunca tinha visto: o pelo estava com diversas cores!... Ela ficou tão espantada que levou as mãos ao rosto, deu um passo para trás e exclamou:

— Meu gatinho! Que susto você me deu! Que roupagem é esta que você tem? Como ficou lindo assim?

O gato apenas miou.

A dona então falou:

— Você quer comida?

— Miau!

Ela pegou um punhadinho de carne e colocou no chão. O gato comeu com prazer, lambendo os bigodes.

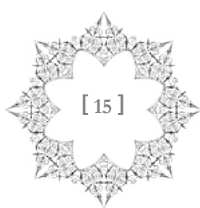
Enquanto a dona colhia temperos na horta, o gato ficou na cozinha se deliciando prazerosamente, ainda sentindo o sabor gostoso da carne que comera.

Mas aconteceu que um cachorro raivoso, que tinha escapado da corda que o mantinha preso, apareceu na porta da cozinha, rosnando e raspando o chão com as patas grandes, do tamanho das patas de um leão. Foi na direção do gato, babando. Assustado, o gato perdeu a cor e, num salto, pulou para cima do armário, derrubando alguns copos de vidro.

Ouvindo o barulho, a dona retornou correndo para a cozinha, viu a bagunça e gritou para o cachorro sair dali. Ele saiu e foi se acomodar perto de uma árvore. Mas ficou olhando para a porta, na espreita do gato.

O gato não saiu do lugar onde estava. Ficou todo o tempo em cima do armário, ronronando. Depois dormiu. E sonhou com nuvens coloridas que o levavam para outros mundos, onde todos os gatos, todos os cachorros, gaviões e galos viviam sem brigas. Quando acordou, espichou as patas, bocejou, abriu os olhos e tudo estava igual.

Desceu do armário e foi deitar sobre as cobertas que sua dona sempre deixava atrás da porta da sala. Dormiu de novo e seu pelo ficou da cor da noite.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Despertar

Por Karina Queiroz

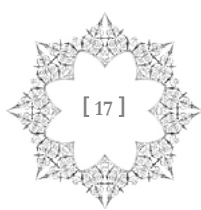
Karina Queiroz nasceu no Rio de Janeiro. É contadora de histórias, escritora e atriz. Em 2016 publicou seu primeiro livro, um conto de fadas, “A Luneta Mágica no Reino da Escuridão”, para o qual montou também um espetáculo de contação de histórias. Desde então vem trazendo encantamento a crianças e adultos. Durante a pandemia começou a escrever poemas, o que lhe trouxe muita alegria e surpresa.

Um rio tece
Segredos vindos da mata
Doce, na colina
Fio que escorre prata

Na aurora, dorme
Ao anoitecer, floresce

Desperta a alma da gente
Naquilo que ninguém mais via:

Libélulas douradas luzem
Pirilampos encantados cantam
Por trás do véu da noite
Onde apenas crianças dançam





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

À Procura da Felicidade

Por Liah Pego

Professora aposentado pelo Município de Almirante Tamandaré, Paraná. Casada, três filhos. Graduação em Gestão. Poder fazer parte do público literário, está sendo gratificante. Gosto de mergulhar nas aventuras literárias.

Era uma manhã linda de verão, bonita e ensolarada. Cleiton, filho único, acordou entediado, mas determinado a encontrar a felicidade. Andando pelo caminho, encontrou com o pássaro. Cumprimentou-o dizendo que estava à procura da felicidade. O pássaro ofereceu para ir com ele. Seguiram estrada afora. Menino na frente e o pássaro atrás. Mais adiante encontrou com o coelho. Questionados sobre o que estavam fazendo, disseram estarem procurando a felicidade e convidaram para que os ajudassem. O Coelho aceitou a proposta e seguiram. Menino na frente... coelho atrás do pássaro. Logo a frente encontrou a cigarra cantante. Fizeram-lhe o mesmo convite. Ela aceitou de imediato e seguiram: Menino na frente... cigarra atrás do coelho. Já sem força para prosseguir, avistaram fumaça ao longe na floresta. Foram até lá, bateram na porta e foram recebidos por uma linda moça de cabelos longos e olhos verdes, convidando para entrar. Alegaram estarem com fome e a moça demonstrando prazer em servi-los deixou que entrassem dizendo que ia preparar algo. Acomodaram-se. O menino sentou-se no sofá com formato do corpo de um crocodilo. A cigarra e o pássaro dividiram o espaço, ambos pousando no chifre da cabeça de um cervo exposta na parede e o coelho procurou abrigo numa toca, com formato de abóbora encostada na vassoura no canto da parede. A cigarra tirou o violão dedilhou umas notas e cantaram.

♪ Tim do lê, lê, lá lá. A Felicidade, vou procurar. Onde será que ela está? ♪

O tempo passava e nada da moça, com a comida que havia prometido. Cleiton, levantou-se do sofá, começou a vasculhar a casa toda deparando com um quarto cheio de doces de brinquedos. Voltou correndo para sala, convidando os amigos para ver o que havia descoberto. Saíram correndo e confirmaram a surpresa. O quarto estava repleto de guloseimas e brinquedos. A cigarra foi logo agarrando um violão que viu em uma das prateleiras. O coelho pegou uma cenoura e já foi mordendo... — Credo! Pensei que fosse de verdade mas é de plástico. — As gargalhadas foram tantas que deixou o coelho chateado. O pássaro foi sortudo. Saboreou minhocas feitas de goma de mascar. O menino, por sua vez, catou um pote de doces e balas, sentou-se no canto da parede e degustou. Comeram até caírem no sono. O despertar deu-se com o grito espantado de um estranho ser.

— Bem que eu sabia. Não devia ter confiado em vocês. Comeram todos meus doces. — O pânico foi geral. — É bruxa, vamos correeer, eeeer! — A tentativa de fuga foi em vão. A bruxa trancou a porta para que ninguém saísse.

— Terão que pagar pelo prejuízo... — Você! — Aponta ela para o menino que tremia feito vara verde. — Vai lavar, passar e cozinhar pra mim. Você pássaro insolente, vai buscar água no bico o dia todo e encher os caldeirões. O coelho esperto, vai ser esperto na lavoura. Vai plantar e colher muitas cenouras. E quanto a você, cigarra. Vai me ninar com seu canto para eu dormir.

E assim, foi feito. No dia seguinte, cada um procurou cumprir com sua tarefa, mas tudo era muito cansativo. A turma não estava preparada para cumprir com a tarefa. Em um dia de muito sol o coelho, sentindo-se cansado, resolveu ir até o lago para se banhar e encontrou o Sapo Cururu.

— Olá, senhor coelho! O que está fazendo aqui? Prazer, sou o Sapo Cururu. Vejo que vocês estão trabalhando para a bruxa má. Ela vai devorar todos vocês.

— Prazer! Vim tomar um pouco de água. Estou muito cansado. Já plantei e colhi muitas cenouras, hoje. — Falou o coelho, com lágrimas nos olhos.

— O que vieram fazer aqui? — Perguntou o sapo.

— Estamos atrás da Felicidade. Sinto que não vamos mais poder procurá-la.

— Conheço um atalho. Vocês podem vir comigo e continuar procurando a Felicidade. Pode ser esta noite. A cigarra pode cantar uma música até a bruxa dormir e vocês amarram-na no sofá ou na cama, onde ela estiver e poderão fugir.

— Sério que você vai nos ajudar? — Perguntou o coelho, animado. — Legal! Vou falar com meus amigos assim que chegar em casa.

O plano foi executado. A cigarra cantou, a bruxa adormeceu, foi amarrada e puderam fugir. O sapo foi junto. Seguiram pela trilha. O menino na frente o pássaro atrás e o sapo atrás da cigarra.

Andaram a noite toda e chegaram num curral onde a vaca mimosa alimentava seu filhotinho com seu leite. Cumprimentaram-na e pediram um pouco de leite. Ela mugiu e respondeu: — Posso sim, meu filhinho já está bem saciado. O que fizeram para ficarem a noite inteira andando por esses campos?

— Estamos procurando a felicidade. A bruxa nos sequestrou e tivemos que fugir.

— Precisam de alguém mais forte. Podemos ir com vocês? — Sugeriu a vaca

— Podemos? — Perguntou o sapo, surpreso.

— Sim! — Meu filhinho e eu. Não posso deixá-lo para trás. Sou sua mãe.

— Tá certo então. — Respondeu o passarinho. Concordamos que vá conosco.

Seguiram, procurando a felicidade. Menino na frente, mamãe vaca atrás do filhinho. Já era quase meio-dia e todos estavam cansados. Mamãe vaca parou para alimentar seu filhinho. Depois, distribuiu sobra do leite para os demais. O coelho carregava nas costas um saco de cenoura e folhas. Serviu se também a vaca e retomaram a caminhada. A cigarra, segue cantando com o violãozinho que pegou na casa da bruxa. Ignorando o antigo que o sapo carregava nas costas, num gesto de cavalheirismo. Já se fazia tarde e resolveram parar para descansar. O cocoricó surgiu bem ali perto.

— Olá, dona galinha. Queremos um pedaço de bolo. A senhora tem? — Gritou o sapo de longe.

— Olá, senhor sapo. Tenho sim, está fresquinho. Podem chegar... Para onde estão indo? — Perguntou ela, soprando o bolo pelo bico e espalhando migalhas pelo chão.

— Estamos procurando a Felicidade. A senhora sabe nos dizer onde encontrar?

— Não sei não. Querem ajuda?

Seja bem-vinda — respondeu a vaca sem titubear. E seguiram caminho afora. Menino na frente, galinha atrás da mamãe, vaca. Andavam floresta adentro quando: — Olá, pessoal onde vão com tanta pressa?

— Uma árvore falante? — Indagou a galinha. — Estamos procurando a felicidade — acrescentou.

— Sim, sou a árvore falante. Protetora da floresta. — Quero ir com vocês. — Pediu a árvore recebendo um: — Então vamos. — Concordou a vaca.

Já saindo da floresta quase alcançando a estrada de chão encontraram um cão andarilho. — Au, au! Estão iguais a mim, andando sem rumo?

— Não estamos andando sem rumo não, senhor cachorro. Estamos procurando a felicidade. — Falou a árvore num tom de protesto. — Junte-se a nós, assim, não sentirá sozinho. — Ele aceitou dizendo que podia farejar e ajudar encontrar a felicidade. Seguiam na ordem: Menino na frente, pássaro atrás, coelho atrás do pássaro, cigarra atrás do coelho, sapo atrás da cigarra, filhinho atrás do sapo, mamãe vaca, atrás do filhinho, galinha atrás da mamãe vaca, árvore atrás da galinha, cão atrás da árvore. Andaram quase o dia todo. Sentaram para descansar. O cão saiu para farejar alimentos. Embrenhou-se na floresta e descobriu uma festa com vários animais onde rolava música e muita comilança. Ele chegou de mansinho e falou: — Precisamos de comida, estamos famintos. — Foi recepcionado por uma gentil anfitriã de laço de fita na cabeça, pelo bem escovado, sapatinho de cristal nos pés. — Olá, senhor! Perdido por aqui? Chamo, Lily.

O cachorro todo animado deu uma volta ao redor de Lily, farejando seu cheiro esquecendo até que tinha fome. – Prazer, Lily. Sou Pitter.

— Senhor Pitter! Junte-se a nós. Temos muita comida aqui. — Disse ela. — Não posso, preciso chamar meus amigos, estamos procurando a felicidade. Sabe como ela é? — Lily, deixou escapar uma gargalhada e acrescentou: — Felicidade, senhor! Não sabes que a felicidade está aqui!

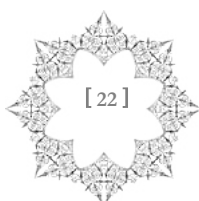
— Aqui, aonde? — Perguntou surpreso e saltitando de alegria.

— Aqui dentro, ressaltou ela. Aqui, dentro do coração. Apoiando a pata na altura do coração do cachorro. A Felicidade, a amizade e o amor, existem dentro de cada um de nós. — Confirmou ela.

— Se é assim. Vou correndo avisar meus amigos. — E saiu em disparada.

Foi assim que Cleiton e seus amigos encontraram a felicidade no meio de tantos novos amigos.

A festa durou por horas.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

As sete filhas

Por Maria Alice Hebling

Nascida em Campinas, Maria Alice Hebling começou a criar histórias aos 10 anos e desde então nunca mais parou. Ela escreveu este e muitos outros poemas ao som de um rádio velho em sua casa. Quando não está inventando narrativas, ela gosta de fazer caminhadas pelas ruas desconhecidas de sua cidade.

Dentre os tantos segredos que nos véus do céu se escondem
Está a história de amor entre o sol e a tempestade
Como eles podem ser almas gêmeas? Suas personalidades não correspondem!
Enquanto o sol sempre gargalha, a tempestade é séria como uma majestade
As nuvens não entendem o casal, mas eles não se importam com as críticas que recebem
O sentimento que nutrem um pelo outro é mais belo e brilhante que uma jade
Sete filhas surgiram após os apaixonados se casarem
Cada uma delas criadas com gentileza e bondade
Após as fortes chuvas, elas gostam de passear e cantar. Todos as ouvem
Suas vozes melodiosas trazem mensagens sobre a felicidade

Verena se veste com véus vermelhos
Tão vibrantes quanto velas
Em seus versos, canta que não podemos deixar de ser valentes
Mesmo quando a ventania tentar nos vencer

Luísa não larga seu lenço laranja
Tão lindo quanto lírios
Em seus versos, canta que a lealdade não pode sair de nossas lembranças
Mesmo quando estamos cheios de lamentos e nos sentimos em um labirinto

Amanda ama seu avental amarelo
Tão alegre quanto a autora
Em seus versos, canta que as boas amizades nunca irão nos abandonar
Mesmo quando estamos ansiosos e sentimos que não precisamos de ajuda

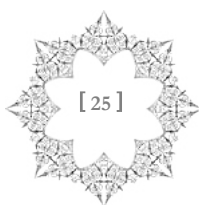
Virgínia vaga com seu vestido verde
Tão vívido quanto vagalumes
Em seus versos, canta que sempre devemos ser verdadeiros
Mesmo quando temos medo de revelar nossas opiniões e visões

Azaleia ama sua sandália azul
Tão aconchegante quanto um abraço
Em seus versos, canta que devemos ser altruístas e gentis
Mesmo quando parece árduo ajudar outras almas

Rafaela se reveste com roupas roxas
Tão radiantes quanto rouxinóis
Em seus versos, canta que sempre devemos ser respeitosos
Mesmo quando sentimos raiva

Se você tem medo dos céus cinzentos, não precisa chorar
Pois todos os raios e trovões irão passar
Basta você erguer sua cabeça e as nuvens encarar
Após a água parar, o belo brilho das sete irmãs você vai encontrar
Com suas vozes melodiosas, o mundo elas irão encantar
E cada uma delas, frutos de um casal tão apaixonado e puro, irão te lembrar
Que o arco-íris, mesmo nos mais assustadores dias, sempre irá te esperar

.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Viva os animais!

Por Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie(2018), O menino que não sabia de onde veio (2021)Dois Gatinhos(2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

o pato faz quá quá,
o pelicano também.
como saber a diferença?
pelo tamanho dos bicos que eles têm.

a vaca faz muuuuu,
o búfalo idem.
como saber a diferença?
pelo tamanho do chifre que eles têm.

a andorinha faz pi pi pi,
a codorna também.
como saber a diferença?
plumagem azul, codorna não tem.

é a galinha faz cocoricó,
o galo idem.
como saber a diferença?
pelo tamanho da crista que eles têm.

a mosca faz zzzz zum zum,
o mosquito também.
como saber a diferença?
mosquitos picam, moscas mordem.

o leão faz roaar,
a onça idem.
como saber a diferença?
pelo reino que um deles tem.

apesar das diferenças
e sons iguais,
cada um tem sua importância.
Viva os animais!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Quando crescer...

Por Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) *Dois Gatinhos* (2021) e *THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT* (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

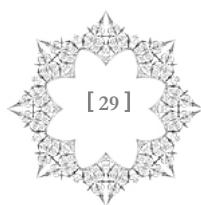
quando crescer quero ser dançarina.
rodopiar na ponta dos pés,
deixar o corpo fluir,
a cada som que o coração sentir.

quando crescer quero ser jogador.
chutar a bola e fazer muitos gols.
driblar enganando outras chuteiras
até a rede balançar sem barreiras.

quando crescer quero ser cantora.
tocar alguns instrumentos musicais,
atingir notas e agudos difíceis
palavras, ritmos, canções inesquecíveis.

quando crescer quero ser escritor.
rabiscar no papel até enchê-lo
e ao ler o que está escrito,
alimentar o coração e o espírito.

quando crescer quero ser o que quero ser.
talvez ainda não saiba o que isso seja,
mas independente o que for,
farei o meu trabalho com muito amor.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Nós, crianças...

Por Mirian Menezes de Oliveira

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.

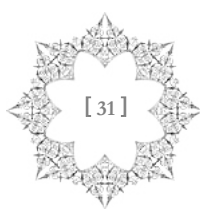
Oh, "Ciranda Cirandinha!"
Há uma criança em meu peito.
As brincadeiras de roda,
nesta vida, não rejeito!

Pega-pega, amarelinha...
A pedrinha, os velhos tempos!
O barro das velhas ruas,
o remelexo... os bons ventos!

Vamos dançar, ó meninos!
Que esta vida é muito boa!
Quero brincar de casinha,
e também ficar à toa!

Oh, "Ciranda Cirandinha!"
Que gostoso é ter infância!
Os corações todos juntos...
"grudados"... em consonância!

(Poema musicado - Projeto de Intercâmbio Cultural - Coordenação: Jô M. Alcoforado)





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

E aí?

Por Mónica Palacios

Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol. É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

Estava só, bem... em termos, sempre escutamos que nunca estamos só.

Se estás em um jardim ficas rodeada de duendes imaginários e aqueles reais. Sonidos que até ignoramos a sua origem, mas que nos balançam a alma. Além disso, é só ficar atenta e consegues até participar dos coloridos papos entre flores.

Elas inventam palavras que nós humanos não conseguimos relacionar e mesmo assim, parecem surgir diversos temas.

Como será que falam quando estão tristes, ou preocupadas... acredito que flor tem consciência de sua essência e não perde tempo com essas emoções.

Tudo isso me levou a pensar quanta variedade de palavras temos a nossa disposição, seria possível abrir um livro, esperar que entrem todas e de pronto... Flash! Fechar.

De noite continuei imaginando que poderia acontecer com essas palavras presas, se divertiriam muito ou inventariam outras tantas palavras inspiradas por essa escuridão?

Resolvi que amanhã, assim que acordar, pegaria a palavra liberdade, a fecharia numa caixa perfumada, colorida e próxima a uma bela música.

Claro, deixarei passar aproximadamente 7 luas, cinco sóis e umas 244 estrelas.

Aguardem... compartilharei com vocês o resultado da insólita experiência.

Me vesti de lilás, coloquei uma camélia no cabelo, sapatos de bailarina e com uma cadência de ballet... abri a caixa e a palavra liberdade não estava, voltei a olhar com mais atenção e nada... achei um sorriso que parecia desenhado com bico de beija-flor.

Emocionada, perplexa, confusa, curiosa e até desorientada, não resisti e resolvi continuar com os desafios. Imaginei que se perguntasse a um periodista que palavras precisaria, poderia as esconder dentro de um pacote embrulhado com jornal.

Escolhi o Pascale, editor antigo do jornal da cidade. Ele disse que sugeriria a palavra: diversidade.

Perfeito, diversidade, com grandes letras, embrulhada em jornal parecia muito a vontade. Os braços e pernas esticados e aquele olhar curioso.

Voltei a deixar passar algumas chuvas, tormentas e arco-íris.

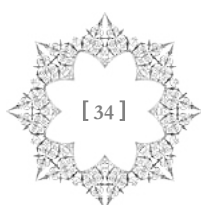
Acreditam que quando abri o pacote não tinha palavras... nem a palavra inicial? Só apareceu uma folha de trevo azul.

Mais confusa, pensei: *a cromoterapia também é uma linguagem*, então resolvi pesquisar até descobrir que se o trevo é sorte e além disso é de cor azul nos explica que não há limites, como no céu.

Fico maravilhada com o mundo das palavras, não desistirei.

Imaginam vocês... na praça, no centro cirúrgico, no circo e até na praia tudo o que pode ser descoberto?

Boa sorte.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Nos quintais, quantas histórias legais...

Por Ody Dmitri Churkin

Neto de imigrantes russos da região de Moscou. Poeta, escritor, palestrante. Professor e Pedagogo, Mestre em novas tecnologias na educação, Especialista em Educação a Distância e Psicopedagogia. Graduado em Filosofia pela UFPR. Técnico e especialista em comunicações pela Aeronáutica. Pesquisador em BYOD, metodologias ativas e mobile learning. Apresentação e publicação de trabalhos em Universidades brasileiras, Portugal e do Chile. Atuou no IFSP, UNINTER e SEED_PR. Do cantinho da Inspiração e Intuição: A querida Campina Grande do Sul - PR.
Contato: odyfilosofia@gmail.com

Há muitos lugares interessantes, repletos de histórias instigantes, com personagens inusitadas, fascinantes, onde não há pressa pois o tempo para, estão muito próximos de nós, não está na internet, no cinema, muito menos na televisão, estão “debaixo de nossos próprios pés”, que com o tempo aliado ao cotidiano, com a rotina do dia-a-dia não são percebidas, dificilmente ouvidas e compreendidas, embora vistas, são ofuscadas, de alguma forma pelo destino “escondidas”; com ajuda do relógio na contagem das horas, pelo calendário na contagem dos dias, meses e anos; pelos afazeres como ir trabalhar, ir para a escola, fazer um trabalho escolar, ir para um passeio ou uma viagem, até mesmo quando não há nada para se fazer, o puro ócio.

Pois bem, vamos ao que interessa, porém sem pressa, com muita calma, coisa difícil se fazer, sutileza, brilho nos olhos, por fim, a curiosidade não pode ser esquecida, juntando-se tudo como se fossem parte de uma bagagem sem malas ou mochilas, pois estas se carregam somente na mente e no coração com os sentidos atentos para se reconhecer e contemplar um lugar interessante. Além de toda esta bagagem há mais um detalhe, só funciona se houver “um querer”, ou seja, a necessidade de um pouquinho de “mágica”, não aquela dos grandes mágicos e ilusionistas, mas algo muito mais poderoso, digno das pequenas grandes pessoas, das crianças, que com seus corações, olhares e canções transformam o mundo em fantasia, uma habitação de constante alegria.

“Tuchê”, tanto é que conseguem transformar um pequenino espaço no fundo de uma casa, um cantinho em um parque ou jardim em um local repleto de fascínio, especialmente um quintal; para as crianças e adultos de olhares esperançosos, quintais são lugares de muitas histórias legais, pois neles se consegue aprender o primeiro passo de se fazer mágica, a crença na esperança, quem espera tudo alcança? Quem crê tudo alcança? Para se encontrar as respostas é necessário paciência, a falta dela ofusca os olhares e as audições, melhor, atrapalha as percepções. Paciência parece que não seja amiga das pessoas curiosas em especial das crianças e adolescentes. A paciência anda junto com a exigência. Tudo bem, chega de conversa, vamos avançar para a arte de se fazer magia, todos prontos, fechem os olhos, sintam o aroma de transformações no ar, abram os olhos pois verão, claro que se tiverem o desejo de ver e ouvir o compasso e os segredos da natureza.

Estão ouvindo um lindo canto, uma fina melodia? Logo ali no cantinho do quintal, ou na varanda de um apartamento ou de uma casa. Sim é possível ouvir, é o canto de

“Miuxo”, um lindo canário belga, bem “Miuxo” é um pássaro brasileiro, pois nasceu no Brasil, enfim, belga não é a sua nacionalidade mas a sua família, tudo bem, chega de explicações. Miuxo além de cantar muito, é extremamente belo, suas penas são como o brilho do Sol, o seu cantar começa com os primeiros raios do Astro Rei, assim também chamado o Sol, por falar em astro rei, vou lhes contar um segredo, Miuxo age como se fosse um pequeno soberano, um pequeno príncipe, acredita que todos que estão em sua volta o reverenciam e o bajulam, pobre, nobre pássaro, seu narcisismo é gigantesco. Narcisista é, como vou lhes dizer, pois bem, é alguém que “se acha muito”! Como dizem por aí, ... “o último biscoito do pacote”... mais ou menos isso (kkkk).

Sim há pássaros, crianças, adolescentes, adultos e até mesmo personagens que se acham, são vaidosos e adoram a própria imagem, a ponto de se sentirem únicos e perfeitos aos poucos tornam-se egoístas. Não diferente com o cantor Miuxo, tão pequenino, tão orgulhoso, a ponto de algumas vezes humilhar seus amigos; ainda mais, para ajudar no seu garbo e elegância, o petitico faz morada em uma gaiola dourada, pensa ele ser feita de ouro, ou melhor de raios de Sol, de alguma forma foi convencido disso, se foi seu orgulho ou o seu carcereiro (dono, proprietário), só o tempo revelará.

Gaiolas são como prisões, não importam qual o material que sejam feitas, podem ser de ouro ou prata, o seu propósito é trancafiar, impedir e inibir a liberdade de uma pessoa ou animal. Pessoas são enviadas para as prisões quando cometem erros, algum tipo de violência, Miuxo cometeu algum erro para se deparar em uma gaiola? É importante entender que Miuxo não sabe o significado de liberdade, de prisões, pois nasceu em uma, no claustro, no confinamento que é o seu lar, no entanto, pasmem, não há sequer nenhum tipo de lamento por parte do pequenino. O cantor garboso, acredita que o seu minúsculo espaço seja o seu universo; quanta inquietação, não conhecer, não saber, melhor, o desconhecimento é uma forma de prisão ou de uma proteção? Conhecer pode libertar? Vamos lá, faz de conta, se abrir a portinhola da dourada e valiosa gaiola de Miuxo, isto o libertará? Pois bem, eis um momento para se refletir, tarefa árdua a de decidir e de se interferir, para que uma interferência tenha sucesso é preciso empatia, colocar-se no lugar do outro, compreender o que o outro está passando, pensando e ou sentindo, e essa é mais uma tarefa muito difícil.

Não compreender a empatia é uma forma de aprisionar as pessoas? Uma dor, um sofrimento, uma situação sem compreensão dos outros é uma forma de prisão?... Difícil de responder, mas a chave deste possível cárcere é a cooperação. Cooperar é ajudar,

amenizar o sofrimento de alguém, muitas vezes é um simples exercício de tolerar, compreender o diferente do que escolhemos e seguimos, daquilo usamos e cremos. Cooperar é unir-se, tornar uma tarefa mais leve e fácil ou simplesmente não atrapalhar ou perturbar, ainda mais, não interferir no progresso ou sucesso de uma atividade ou ações de alguém ou de algum grupo ou equipe, cooperar é também não deixar ninguém para trás. Muito bem, depois de refletir um pouquinho é preciso dizer que toda manhã, lá pelas nove horas, Keko um vivaz pardal visita Miuxo e travam longas conversas, antes das nove hora da manhã é impossível pois o cantor entoa suas melodias desde o nascer do dia, depois pausa para a refeição prontinha, enquanto Keko voa feliz e altivo em busca de sua comida a cada dia, novas aventuras e novas histórias, costuma contar suas proezas para Miuxo que por vezes finge não se interessar, uma forma de demonstrar superioridade, porém Keko não se importa, para ele a amizade está acima de tudo, compreende que Todos possuem muitas qualidades e também algumas fragilidades.

Antes de dar continuidade, algumas explicações: Pardal é uma espécie de pequeno pássaro, os pardais são chamados de domésticos ou comuns pois estão presentes nas cidades e campos, não apresentam nenhum interesse comercial ou estético (de beleza), no entanto são belos, porém não no padrão que alguns adultos convencem e impõe; vivem despercebidos, pode-se dizer até mesmo desprezados pela sua linda simplicidade; ou mesmo tempo tão presentes e persistentes. São cinzas, não cantam, porém fazem muito ruído, andam em bandos. Outra coisa, só para lembrar, reforçar a ideia, ouvir a conversa de pássaros faz parte da magia dos quintais e de alguns segredos da natureza, fiquem tranquilos e tranquilas, este o propósito dessa conversa, não é loucura ou doideira, ... podem rir... é isso mesmo, permitam... dá até para escrever “kkk”, sim é uma forma de viajar na fantasia de histórias legais, em especial na história de Miuxo, o canário belga cantor e de Keko, o pardal vivaz, pois os dois têm muito a nos ensinar e literalmente “encantar”. Eis uma breve demonstração de diálogo entre Miuxo e Keko:

Keko — Olá Miuxo, tudo bem, já terminou seu canto e já se alimentou?

Miuxo — Oi, como de costume entoei o mais lindo canto para anunciar um novo dia e também para deixar o meu dono feliz pra depois fazer minha deliciosa refeição, preparada por ele com muito carinho, ele diz que eu sou muito especial e lindo. Por que você não canta e quem prepara o seu alimento? Diga, como você suporta viver fora de uma gaiola? Não me diga que você não tem uma? Só o que me faltava isso Keko, fala

sério, você nunca me disse, tens um dono? Como consegue me visitar todos os dias? Tem mais uma aventura pra contar, pois eu tenho uma nova canção para cantar.

Keko — Hoje você desatou a falar, além de cantar agora gosta de falar, além é claro... precisa se mostrar, já te conheço “ Oh soberano”.

Miuxo — Fala sério Keko, você tem inveja de mim!!!! “ kkk” “Olha lá para a câmera da verdade e responda”.... aquela lá no cantinho...

Keko — Olha só amigo, não sei o que é inveja, não tenho uma gaiola, muito menos um dono, mas conheço vários lugares legais, quantos quintais, praças e jardins e quantos pomares, tantas frutas deliciosas e diferentes, eu acho muito linda e deliciosa a jabuticaba , os humanos quando se alimentam dela fazem “plaquetipuc”, um barulhinho legal; tem gente muito legal e outras que não gostam de nós os pardais, tem até um gato chamado Mitz, lá casa da dona Dadi e do Seu Biel, ele é bem gordinho, o gato, ganha comidinha todo dia, chamam de ração, com muito cuidado às vezes me arrisco a comer um pouquinho, só os “farelinhos”, é bem gostosinho, mas se bobear o Mitz pode saborear um de nós; fique atento com os gatos, assim dizem meus pais; bem eu preciso procurar minha própria comida todo dia, quando acho, aviso minha família e amigos, compartilhamos, dá um barulhão danado, embora não saiba cantar, minha vida é legal. Mas enfim não sei o que é inveja, isso é bom ou ruim Miuxo?

Miuxo — Também não sei o que é inveja Keko, falei porque o meu dono, o Seu Nuno, sabe quem é ele, né.... pois bem, fala para os amigos dele, quando dizem que eu não sou tão lindo assim ou que eu não canto tão bem, ele fica muito bravo, fico até com medo. Olha só Keko, se você aprender a cantar e pintar suas peninhas da cor do Sol, pode também ganhar uma linda gaiola igualzinha a minha e ter todo dia uma deliciosa refeição sem se preocupar em buscar e correr riscos. Que acha? Todos vão te enxergar e assim como eu, terá uma vida de rei, imagine uma linda gaiola só para você e mais ninguém.

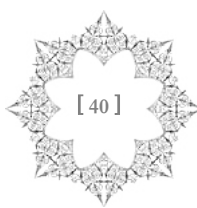
Keko — O Seu Nuno não tá nem aí para mim, acho que nunca prestou atenção para pardais. Acho ... que as pessoas não nos enxergam, somos invisíveis para eles, queria que fosse assim também para os gatos e gaviões. Nunca pensei em viver em uma gaiola, não sei se aguentaria Miuxo, sei que você ama a sua. Como poderia deixar de viver sem minha família. E aquela gritaria que têm todo dia lá na casa da dona Táta ao acordar toda a sua gurizada para irem para a escola, sabe que depois do café da manhã ela lança no seu gramado migalhinhas de pães e biscoitos, são maravilhosas, pura fartura. E o jardim da

Dona Mima, quantas flores, quantas cores, quantos aromas diferentes Miuxo, precisa conhecer os beija flores, são pássaros como nós, menores ainda, muito coloridos, não cantam, não fazem ruído, vivem a se alimentar das flores, as disputam com as abelhas.

Miuxo — Sabe de uma coisa Keko, continue, se puder, a me visitar, adoro suas aventuras, adoro sua amizade, não entendo muitas coisas que você gosta e prefere, mas respeito.

Keko — Entendo amigo, há muitas coisas que não podemos comparar, há muitas maneiras de se viver e entender. Vamos continuar nossa amizade de jeito que nós somos.

Por hoje é só pessoal, nas próximas páginas têm muito mais, preparem-se para as novas aventuras, em especial da Formiga Lucha e do velho Tamanduá Lipe.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Sonho que Brilhou no Coração

Por Priscila Mendes

Priscila Mendes é uma autora mineira, formada em Cinema e apaixonada por literatura, suas histórias favoritas são repletas de magia e aventuras, por isso seus contos são sobre fadas, bruxas, heróis, heroínas, desejos que se realizam, amor, amizade e família.

Era uma vez uma pequena estrela, chamada Luiza, que tinha um brilho tão intenso que de longe se via! Lá de cima, ela observava os planetas e a dança que cada um fazia em torno do Sol e da Lua, era uma espectadora assídua.

De todos aqueles que contemplava, havia um, que ela amava, e desejava muito poder enxergar de pertinho, um planeta azulzinho, chamado Terra. Certo dia, enquanto o admirava, suspirou quase chorando, que se pudesse pedir qualquer coisa seria poder ver o que se passava ali.

Acontece que uma Fada ouviu seu pedido, e decidiu ajudar Luiza, com um presente incrível, era um binóculo mágico, com ele a estrelinha poderia enxergar perfeitamente a vida na Terra.

Assim que lhe foi entregue, agradeceu com tudo que havia de mais verdadeiro em seu coração, ansiosa para experimentá-lo o colocou, e sem palavras chorou, era melhor e mais belo que qualquer coisa que já tivesse visto.

Conforme o tempo passava, e Luiza observava a Terra, crescia dentro dela, um sonho impossível, que guardou a sete chaves, o mantendo protegido. O que não imaginava era que aquele desejo cresceria muito, se tornando impossível escondê-lo do mundo, por isso aquela mesma fada que um dia lhe concedeu um pedido, vendo, que Luiza sofria, lhe soprou um beijo, e disse:

— Linda estrelinha, irei te dar mais um presente, sei que sonha em ir pra Terra, por isso, hoje me despeço, pois você logo irá partir. Mas não se esqueça de que estarei aqui te esperando retornar.

Luiza pulou de alegria, brilhando tão intensamente, que explodiu em milhões de pedacinhos, que foram guiados pela Fada em direção ao planeta azul.

Uma batida de coração foi se tornando pouco a pouco audível, logo o caminho de Luiza, se encontrou com o som e o seguiu, entrando na atmosfera terrestre, viajando junto ao vento, passando pelas árvores, ruas e casas, até que as batidas se tornarão quase insuportáveis, Luiza havia encontrado sua mãe, os pedacinhos da estrelinha, se juntarão e formando um pequeno espectro, que ainda guiado pelo som das batidas do coração passou pelas narinas da mulher, do peito até útero, onde aninhou-se e caiu em um sono profundo.

O nome de sua mãe era Antônia, uma mulher que tinha uma personalidade cativante, era criativa e cheia de energia, amava ler, escrever, se formou em pedagogia e dava aulas

em uma escolinha, em que também trabalhava o Lucas, professor de Geografia ele era muito inteligente, engraçado e gentil, que amava falar sobre a natureza e observar as estrelas.

Eles se apaixonaram e se casaram, viviam em um apartamento de dois quartos, alugado, super fofo e bem cuidado, a rotina dos dois era corrida, mas sempre encontravam um tempinho para estar juntos, e quando Antônia engravidou, não se aguentaram de tanta alegria, e mesmo com as dificuldades do dia a dia sabiam que conseguiriam criar aquela criança com muito amor e carinho.

Na barriga de sua mãe Luiza crescia, e conforme isso acontecia, suas memórias se escondiam em um cantinho da mente, que ela jamais, em vida, poderia recuperar. Nove meses depois, durante uma noite tranquila e agradável, ela nasceu.

Seus pais a chamaram de Thais, a menina era maravilhosa, gentil e muito curiosa! Tudo a interessava, todo som, bicho, planta e cheiro, gostava de histórias, de caminhar pelas ruas, praças, parques e shoppings, e quando chegava em casa desenhava, qualquer coisa inspiradora que tivesse visto ou ouvido.

A verdade é que Thais era apaixonada pelo mundo e durante sua passagem por ali aproveitou cada minuto, sua vida passada parecia não ter existido até um dia em que algo escondido aflorou.

Thais havia completado doze anos e certa tarde seu pai a convidou para um passeio no observatório da universidade que ele estudou e como ela nunca perdia uma oportunidade de estar com sua família e de conhecer lugares novos, aceitou.

Chegando lá, ficou boquiaberta com o tamanho do telescópio, e estava muito empolgada para experimentá-lo, por isso, sem mais delongas entrou na fila e esperou sua vez, enquanto isso, seu pai falava sobre as constelações, curiosidades dos planetas do sistema solar e as fases da lua, Thais sentiu que tudo aquilo era familiar, sem saber que um dia foi seu lar.

Finalmente chegou a sua vez, no instante que viu o céu estrelado, algo dentro se acendeu.

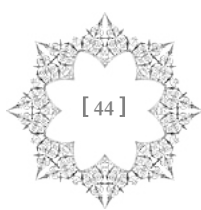
Mesmo que não se lembrasse, a saudade tomou conta, por isso, depois daquele dia, a astrologia se tornou seu assunto preferido, e ela dedicou grande parte do seu tempo lendo livros, vendo filmes e estudando tudo que estivesse relacionado a isso, tanto que alguns anos depois escolheu cursar a faculdade de Astrologia.

Thais era a melhor aluna da turma, além de muito interessada nas matérias, aprendia com facilidade, por isso não parou de estudar, e logo após se formar fez o mestrado e doutorado.

Ainda movida pelo desejo de saber mais sobre o espaço, ela iniciou um projeto junto ao Habitando a Via Láctea, em que procuravam planetas possíveis de se viver. Muitos anos passaram e conforme avançava nas pesquisas, testes e descobertas, Thais ficava mais ansiosa, principalmente quando descobriram Amora, um planeta rouxinho e pequenino, que após ser incansavelmente analisado, se tornou a opção mais viável para ser explorada e habitada.

Por isso, aos quarenta anos de idade, no dia seis de fevereiro de dois mil e sessenta e três, Thais se despediu de seus pais, de sua casa e de seus amigos e embarcou na Nave que a levaria para o espaço em direção à Amora. Mesmo que fosse uma viagem de ida e volta, dentro de si, sabia que nunca mais pisaria na Terra novamente.

Assim que atravessou a atmosfera Terrestre e chegou na Exosfera, lágrimas escorreram de seu rosto, dentro dela a caixinha que guardava todas suas memórias se abriu, e ela explodiu de emoção e saudade, se tornando novamente milhões de pedacinhos, que seguiram em direção a constelação na qual pertencia.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Árvores mágicas

Por Rodrigo Carlos Vieira de Moraes

Rodrigo Moraes é ator e dramaturgo. Formado em pedagogia pela UFSCar e técnico em teatro pelo SENAC Ribeirão Preto. É co-fundador do grupo teatral Fora de Hora, participa também dos grupos Cia ADitaCuja e Divino Ato. Como dramaturgo escreveu as peças "O bode" e "O Banquete de Cornucópia".

Florestas são locais da mais pura e encantadora magia. Existem lendas que as rodeiam, existe vida brotando em cada canto, podemos ver um chão repleto de folhas mortas que alimentam a vida pulsante do todo.

Esse pequeno conto é sobre um local tão puro e mágico quanto as florestas: a mente de uma criança. Crianças que possuem a magnífica sorte, hoje em dia mais sorte ainda, de terem o contato com a natureza na infância podem ter experienciado a beleza de terem uma “Árvore Mágica”.

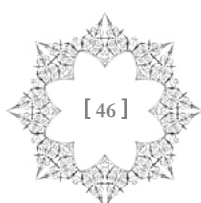
Toda árvore carrega um espírito protetor, seja de um animal que viveu naquele local, um humano que desfrutou daquela mata ou até mesmo um espírito cósmico que desejou vivenciar o poder que emana em ser parte da natureza. Aconteceu que esse espírito pode se transformar no decorrer da vida.

Quando uma criança, ou um grupo de crianças, escolhe uma árvore específica para brincar e começa a retornar aquela árvore ela aos poucos se torna uma “Árvore Mágica”, sua alegria em receber a alegria de um ser tão puro como uma criança a transforma de maneiras que eu não me atrevo a tentar descrever, pois faltariam palavras e sobraria muito de algo que nós, meros humanos, não podemos compreender ainda.

A árvore se torna uma nave espacial, castelo encantado, base lunar, base secreta, carro de corrida, cavalo voador, pássaro de fogo, submarino, gato gigante, fábrica de algodão doce, balanço, casa da árvore, árvore mágica.

E acontece que um dia chegamos naquele local fantástico e descobrimos que nossa árvore não está mais em pé. Aconteceu algo tão natural quanto o fim da infância. Nossa querida árvore caiu.

Pode passar um tempo de tristeza para percebermos que a mata é mais do que apenas uma árvore e algum momento tendemos a encontrar uma nova árvore onde depositaremos nosso carinho, nosso afeto, nosso amor... até que ela se torne uma nova “Árvore Mágica” onde viveremos novas aventuras.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Banquete Da Mamãe

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte e nove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Arroz, feijão, bife e salada.

Que banquete!

O bife era o rei.

Vinha ao prato,
esporadicamente
e venerado era.

E a criançada

o prato limpava.

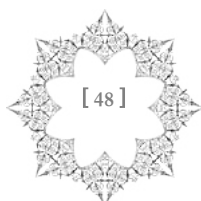
Menos o bife.

Para o final deixado.

E, às escondidas,
ser dividido entre os iguais
na pracinha,
defronte à casa.

O bife, peça de barganha,
era.

"Eu dou-lhe isto
e, amanhã, será você
a dar-me em troca,
parte do seu melhor troféu".





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Meu Irmão, Meu Gigante

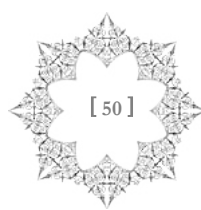
Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte e nove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Meu colosso, comigo dividia
o firmamento, as estrelas,
e as cadentes,
a caminho do saber.

Alegres e joviais finais de tarde!
No cadenciar do anoitecer.
Para a escola, caminhando.
Felizes, o dever, cumprindo.

Segredos e aspirações, mesclados.
A sonhar... e a seguir...
Corações e mentes,
em festiva harmonia.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A Brincar

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte e nove antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Sou menina
sou menino
brinco... brinco
sem parar.

Não com bilocas
nem com fincas
nem com varas
sei pular.

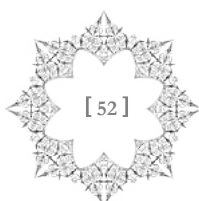
Com meus dedos
e meus olhos
sento e fico
a brincar.

Sou menino
sou menina
meus brinquedos
faço não.

Sou alegre
se me dão
maquininhas
para as mãos.

Ligo-me
aos aparatos
do meu corpo
extensões.

Sou menina
sou menino
qualquer dia
robozão.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI